

Temos de proceder a uma redução ou parêntese ou, como fez James Joyce no seu *Ulisses*, temos de mergulhar no inessencial, dar-lhe uma forma precisa, condensar tudo entre parênteses, que neste caso são os limites de um romance, e atirá-lo pela borda fora; e isto para chegar a uma realidade quase mística, relacionada com a essência do Zen, realidade que Joyce conseguiu representar no seu último romance, *Finnegan's Wake* (*O Despertar de Finnegan*), como veremos no capítulo consagrado ao escritor irlandês. A literatura neste caso segue o rasto da fenomenologia, é sua contemporânea, no mesmo sentido em que Heisenberg se pode chamar fenomenólogo, quando atinge a essência do físico e reconhece o poderoso influxo exercido pelo sujeito investigador sobre o objecto investigado.

Há livros escritos sobre a *epoché* ou redução fenomenológica; mas penso que é difícil apreender-lhe o verdadeiro sentido, se a não compararmos, de certo modo, com a operação «separatória» de um místico. Trata-se de repelir o mundo para o conhecer com maior nitidez, não nas suas minúcias, mas na sua essência. Dante chega a realizar uma *epoché* no momento em que consegue encerrar o mundo entre os parênteses do Inferno (à semelhança do *Ulisses* de Joyce, no sentido de «descida» conhecedora), para logo se elevar ao «perfil» último e autêntico do conhecimento essencial, que é o seu *Paraíso*. Este acto cognoscitivo, este salto, ilustrado por algumas obras-primas (caminho semelhante poderíamos encontrar em *Las Meninas* de Velázquez, com aquela janela aberta ao fundo do quadro, a indicar um caminho para um mundo por enquanto invisível, mas fácil de encontrar depois da «redução» ou parêntese que o pintor realiza no primeiro e segundo plano do quadro), este salto, digo, representa simultaneamente o dever de cada ciência.

Mas como chegar a esta essencialização, a esta transformação total de todo o nosso ser e, com ele, de todas as ciências? Antes de mais, é preciso compreender que a fenomenologia, tal como Husserl a entende, não é uma filosofia ou uma escola, uma teoria ou uma opinião, como dizia Sócrates; mas sim uma visão do mundo, cujo fim é a «transformação total do ser», transformação pessoal, entenda-se. Sem esta transformação, nem o indivíduo nem as ciências contemporâneas, entidades em crise, segundo Husserl, a conseguirão vencer. Quer isto dizer que tudo quanto sabíamos acerca do mundo e de nós próprios, tudo quanto nos conduziu à compreensão típica do homem moderno, todos os conhecimentos e normas de vida que até agora nos definiram e guiaram, deixaram de ter valor, tornaram-se inoperantes e falsos. Não se trata, por conseguinte, de uma crise meramente relacionada com uma interpretação teórica do mundo,

mas sim de uma falha em que individualmente estamos envolvidos, ausência de uma orientação prática dentro de um mundo que deixou de estar em consonância com as interpretações de ontem.

O que, segundo Husserl, caracteriza esta falha, a técnica inoperante do homem e do mundo moderno, é o que ele chama «objectivismo». Quer dizer, a teoria segundo a qual o mundo ou a realidade ou o existente se reduz ao que a nossa razão e os nossos sentidos podem apreender, compreender, organizar; o que já está nas ciências baseadas no experimental e observável. Dentro deste conceito, dominante no século XIX e nos seus prolongamentos actuais, a realidade é algo de artificial, instaurado pelo homem, um mundo no qual está destinado a desaparecer tudo quanto não seja criação da nossa consciência, inclusive o próprio ser humano. Conhecemos um fragmento da realidade, confundimo-lo com a própria realidade e caímos na tentação de destruir tudo quanto não coincide com esta visão parcial, incluindo a imagem que formamos de nós mesmos, apresentados como fragmentos observáveis e experimentáveis, e não como seres em si, ou totalidades eidéticas. Deixando-nos tentar por este conceito parcial, fatalmente transferiremos a nossa consciência e o nosso orgulho do domínio das ciências naturais para o das históricas e sociais, e decidiremos, sem equívoco, que o ser humano pode perfeitamente caber dentro de um plano regido, por exemplo, pelo conhecimento científico das leis dialécticas do seu devir histórico. O marxismo encerra na sua base este conceito objectivista do mundo, visão parcial e falsa do mesmo. O mesmo se dá, na opinião de Eugen Fink, discípulo de Husserl, com a sociologia e a psicotécnica, por muitas consideradas como soluções totais e definitivas, como possibilidades de explicar o todo e apresentar soluções universais para todos os problemas. Nestes domínios, tal como na panaceia marxista, escreve Fink: «Reina a convicção de que, em princípio, é possível elaborar métodos de conhecimento através dos quais a vida do homem dentro da sociedade se tornaria completamente penetrável, manejável, governável, do mesmo modo que a Natureza.»

As possibilidades da fenomenologia, no que se refere a uma solução da crise objectivista, não são ilimitadas. Para Husserl, o que importava era eliminar um certo número de preconceitos científicos, criar uma nova lógica e uma nova epistemologia, quer dizer, uma nova forma de apresentar o científico, reconhecer a imperfeição das ciências particulares e a existência de um terreno comum a todas as ciências (eu diria para todas as técnicas do conhecimento), terreno a que ele chama as «fundações» ou estruturas fixas sobre as quais se ergue qualquer tipo de conhecimento. Chegamos, assim, a uma

redução  
da  
époché